



33(1): 9-12
jan/jun 2008

APRESENTAÇÃO

Nada de metáforas óbvias. Nem de paralelismos previsíveis. Ou de alusões cinematográficas. Seria fácil dizer que se têm aqui artigos que dão *close* em algum conceito, pesquisas que equivalem a *planos* precisos sobre esta ou aquela temática, ou um dossiê que, em seu conjunto, visa dar um *travelling* no assunto. Não, nada disso.

Há, entretanto, nesse universo, algo que nos interessa evocar para falar do trabalho de organização deste número e dos textos que aqui estão. Mas não como metáfora, paralelismo, ou alusão.

E ainda que tenhamos chegado ao final, não sabemos exatamente qual foi – qual é – a sensação: talvez uma idéia de coletividade; talvez um prazer desconhecido de ver o que era apenas virtual se tornar atual. De uma maneira ou de outra, o que resta, neste momento, é um desejo de falar, sobretudo, do resultado, dos efeitos, da relevância e da singularidade de tudo isso.

Do resultado: talvez se possa dizer que a visão do todo, agora que está tudo no lugar, nos revela uma imagem surpreendente – como toda imagem e seu componente correlato de silêncio, dos quais só temos noção depois, quando os vemos prontos. Por mais que houvesse, desde o primeiro momento, uma intenção editorial precisa e objetiva (“queremos isso”, “gostaríamos que isso não faltasse”), não havia – felizmente – como prever a sutileza e o alcance daquilo que agora temos em mãos, reunido: contribuições das mais diversas, elementos de estética, aportes metodológicos, análises de filmes para concluir. Mas haveria também outras disposições que entrariam aqui em jogo, e que, de igual maneira, poderiam caracterizar o número: experiências pedagógicas em cinema e educação; retomada de conceitos e de aspectos históricos; discussões sobre o ato de ver, sobre o “real”, sobre a infância, a juventude, sobre anjos e demônios. Enfim, a cada olhar, uma imagem diferente.

Dos efeitos: mais do que textos que nos possibilitem “entender” do que se trata quando se fala de cinema e de educação, estão reunidas aqui discussões que, de um modo ou de outro, propõem que se construam relações das mais diversas – porém todas elas com um elemento comum (e definidor): o convite a um debate vibrante. Uma vez fendido, “entender” não diz mais respeito ao estabelecimento de relações entre estruturas lineares de começo, meio e fim, seja de filmes, de conceitos ou de histórias. Porque o próprio cinema é mais do que isso: o cinema não consiste em simplesmente narrar ou contar, e os textos que aqui estão nada “narram” e nada “contam”, mas, antes disso, suscitam, sugerem, incitam. Quando se fala em “entender”, em conexão com cinema, não se pode esquecer que estamos lidando com imagens na qualidade de fruto e de gesto criacional. De fato, isso implica conceber o “entender” não mais como busca de respostas, mas como movimento contínuo de formulação de perguntas – sempre contingentes e conjunturais. Tal como no cinema. A cada olhar, uma imagem diferente.

Da relevância: o que se tem aqui é um número especial que sugere discussões acerca de um campo que, nos últimos dez anos, vem, cada vez mais, concentrando pesquisadores e trabalhos de pesquisa. No esforço de pensar o cinema, o campo da educação acaba por desenvolver, por sua própria conta, esquemas, pensamentos, idéias; conseqüentemente, acaba por compor, ele próprio, outras imagens – talvez para que outras e mais outras possam ser, igualmente, compostas. Ao misturar uma coisa com outra, cria-se a oportunidade para que algo de novo surja – e é esse panorama de novidade que, em certa medida, encontramos aqui. A cada olhar, uma imagem diferente.

Por fim, da singularidade, e é este o ponto que queremos destacar: mais do que apresentar cada um dos textos ou explicitar aquilo que, efetivamente, cada um deles quis falar, deixemos que falem por si, a fim de manter, tanto quanto possível, a riqueza que uma imagem pode oferecer, uma riqueza que não estaria assentada necessariamente naquilo que ela capta. Essa premissa vale para nós: câmara ou textos não fixam as imagens, mas, antes, “fazem-nas passar” (Foucault, 2001, p. 352). A potência da imagem residiria naquilo que cinema e palavra, câmara e papel fazem com as imagens, especialmente quando “eles as conduzem,

as atraem, lhes abrem passagens, lhes encurtam caminhos, lhes permitem queimar etapas e as lançam aos quatro ventos” (Foucault, 2001, p. 352). A questão, assim, vemos agora, é a de que, em seu conjunto, temos textos que, de um modo ou de outro, garantem o trânsito da imagem cinematográfica, fazem com que ela seja remetida a outras imagens (a outros textos, a outros filmes). Faz-se, assim, jus ao conceito: não se coloca a ênfase no absolutismo da imagem, mas em sua própria pluralidade, em sua capacidade de fazer-se múltipla e, ao mesmo tempo, indivisível. A cada olhar, uma imagem diferente.

Fabiana de Amorim Marcello
ORGANIZADORA

FOUCAULT, Michel. A pintura fotogênica (1975). In: _____. **Ditos e Escritos III**. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. P. 346-255.

